



# CONFLITOS GERACIONAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NO FAZER ANTROPOLÓGICO<sup>1</sup>

## GENERATIONAL CONFLICTS AND THEIR IMPLICATIONS IN ANTHROPOLOGICAL WORK

### Resumo

As diferenças geracionais foram determinantes no fazer antropológico à época do pós-estruturalismo na disciplina da Antropologia. Neste artigo, realizo uma exploração das relações entre antropólogas e antropólogos no que diz respeito às interferências geracionais no fazer antropológico/etnográfico, que está sempre em desconstrução e reconstrução. Outros parâmetros que trago são as mudanças repentinas no fazer antropológico com a pandemia da Covid-19 e a necessidade de uma maior aceitação e difusão às pressas da etnografia *online*, além da presença de *outsiders within* como potenciais de mudança na disciplina. Essas mudanças não se dão automaticamente, como um *upgrade*, e nem de maneira progressivamente lineares, mas são permeadas pela experiência, contexto histórico e relações da ou do cientista.

**Palavras-chave:** Antropologia; Pós-estruturalismo; Pandemia; Etnografia *online*; Conflito.

### Resumen

In this article, I intend to explore how the relationships between anthropologists are crossed by generational differences in anthropological/ethnographic work, a work that is always in deconstruction and reconstruction. The generational differences were decisive in the anthropological work in the post-structuralist period of the discipline of Anthropology. Another parameter that I bring is the sudden change in anthropological practices with the Covid-19 pandemic and the need for a hasty acceptance of *online* ethnography. These changes do not occur automatically as an upgrade, nor are they evolutionarily linear, but rather are permeated by the scientist's experience, historical context, and relationships.

**Keywords:** Anthropology; Post-structuralism; Pandemic; Online ethnography; Conflict.

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido como trabalho final da disciplina Teorias Antropológicas Contemporâneas, oferecida pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrada pelo professor Vitor Aquino de Queiroz D'Ávila Teixeira. Agradeço imensamente todas as pessoas das quais compartilham sugestões ao texto, como o meu orientador na época, Jean Segata, e a revisão preliminar das colegas e amigas Cristiane Indira Vernes Miglioranza e Lauren Suzana Rodrigues. Por fim, também agradeço imensamente à Equipe Editorial da revista Textos Graduados pela atenção e, principalmente, aos avaliadores ou avaliadoras pela generosidade em seus pareceres.

\* Tifani Isabele de Fraga Medeiros

Recebido em: 12/04/2022

Aceito em: 29/03/2023

## 1. Introdução

Eu tinha medo de começar a ler Foucault, um dos maiores representantes do pós-estruturalismo. Com certeza pela fama que seus textos têm de serem difíceis. Eu tinha medo de coisas simples me escaparem aos olhos e eu não entender nada, desde o primeiro parágrafo, de qualquer coisa escrita por ele. No texto *As Meninas*, ao falar do visível e invisível, Foucault (1999) chamou atenção para sinais, mensagens, coisas que muitas vezes deixamos escapar por dar prioridade a algumas metodologias clássicas, como de classificação. Ao falar de poder, das palavras, das coisas, do visível e do invisível, esse autor dá uma grande contribuição à antropologia nos anos 1970-1980.

Ou seja, em uma conversa ou entrevista, o silêncio diz muito; ou que um simples olhar pode bastar para uma que o antropólogo ou antropóloga seja retirada de campo. Essa atenção que tem de ser dada tanto às coisas visíveis quanto invisíveis, e foi sendo clamada na antropologia - e na etnografia - por décadas, até os dias atuais, sendo a observação visual uma das ferramentas da etnografia. Mas, apesar de já parecerem estabilizadas, algumas discussões na disciplina não se esgotam. Como alguns princípios científicos, ter de prezar pela mutabilidade e pela subjetividade. Isso é cativante para nós que fazemos ela.

Daqui para frente você pode reparar que eu vou transitar entre as palavras etnografia e antropologia. Embora a primeira seja amplamente identificada como um dos métodos da segunda, eu incorporo neste texto a noção de Mariza Peirano sobre etnografia (2014, p. 380), em que a autora defende que a etnografia é a idéia-mãe da antropologia. Isso desde o manual de investigação imersiva de Bronislaw Malinowski (1976), que ainda traz contribuições e ainda norteia o molde de uma etnografia. De modo que a etnografia acaba por ser muito mais do que um método, mas é teoria e empiria.

Lembro quando, ainda muito no início de minha graduação, eu ouvia falar muito brevemente sobre etnografia versus etnografia *online* (ou netnografia). As falas eram no sentido de a netnografia não ser a mesma coisa que uma etnografia - “de verdade”, derivadas das orientações de Malinowski. Ou seja, partindo da ideia de que o ou a antropóloga tem de estar distante do grupo observado, tanto em origem quanto em localidade e identificação.

É de consenso - de quem é e de quem não é da antropologia - que tudo mudou com a pandemia de Covid-19. Repentinamente, aglomerações de pessoas e trabalhos de campo presenciais, assim como entrevistas, foram suspensas. As pessoas que tinham tais trabalhos já programados ficaram desconfiadas de fazê-lo sem ser face a face. Mas, vendo que a pandemia não cessaria tão cedo, tiveram que tentar o método menos quisto das suas formas convencionais de fazer pesquisa: o de pesquisar *online*.

Logo, de forma inevitável, já que se provou ter sucesso em muitos casos, a etnografia *online* ou netnografia foi mais validada como etnografia real, como uma forma legítima e eficiente de etnografar. No entanto, não é tão difícil em alguma conversa, *live* ou palestra com alguma antropóloga ou antropólogo mais experiente, ouvirmos que “fazer etnografia *online* não é a mesma coisa”. Ou, também, como argumentam Souza e Vieira (2021, p. 302), a etnografia *online* deveria ser usada apenas como um complemento de pesquisa já que, segundo os autores e suas fontes, ela deixaria lacunas no processo de investigação.

Por isso, não trago aqui os paradigmas estruturalistas e pós-estruturalistas como fases superadas na disciplina, mas sim como muito importantes para a forma como trabalhamos nela nos tempos contemporâneos. Dentre essas contribuições, acho digno citar a revisão constante de conceitos, a atenção que merece ser dada a aspectos visíveis e invisíveis da vida cotidiana, a autocrítica desta ciência reconhecidamente originada como eurocêntrica e racista, a valorização da pluralidade de discursos e suas potências. Isso não significa que com o pós-estruturalismo houve uma preocupação com a pluralidade na disciplina, mas sim uma despreocupação com a lógica universal, advinda do estruturalismo.

Sherry B. Ortner em seu ensaio *Teoria na Antropologia desde os anos 60* recapitula conflitos internos nas vertentes britânica, estadunidense e francesa da disciplina, e evidencia que o estruturalismo foi um movimento majoritariamente capitaneado por Lévi-Strauss (2011, p. 429). Nesse sentido, o estruturalismo é o paradigma da antropologia que busca características autorregulatórias em uma sociedade não ocidentalizada e suas leis.

No início de seu artigo que eu referenciei acima, Ortner diz, enquanto antropóloga para seus colegas: “Nós não nos xingamos mais” (p. 420). Com um quê de nostalgia, essa frase pode expressar paradigmas gerais atuais da antropologia depois de experienciar o pós-estruturalismo. Já que este ultrapassou a busca por uma análise universalizante no fazer antropológico e por uma busca da verdade da essência das coisas.

Não ousou dizer aqui que ele foi superado, até porque com o trabalho de Philippe Descola houve uma insurgência do estruturalismo de novo a partir da França, com modificações, sendo muito difícil falar de estruturalismo sem falar de universalismo. O pós-estruturalismo não teve uma força expressiva unicamente na antropologia, assim como foi o estruturalismo, já que seus teóricos referência franceses que o originaram não trabalhavam com enfoque disciplinar – Foucault, Deleuze, Jacques Derrida.

Mas, será que todos esses conflitos, essas mudanças de paradigmas da disciplina, devem consequentemente serem pensadas como geracionais, no sentido de similaridade de influências? Se sim, o que faz delas geracionais? E, quando mudanças como essas ocorrem no fazer antropológico, qual deve ser seu ponto de saturação, ou seja, quando algo é considerado já ultrapassado ou superado? E quando as mudanças se estabelecem como aceitas, elas vêm para ficar?

Indago tais questões pois partirei das correntes teóricas do estruturalismo e pós-estruturalismo como exemplo inicial para pensarmos sobre desconstruções e reconstruções na antropologia. Em seguida, aproveito este gancho para discorrer sobre a aceitabilidade ou não da etnografia digital ou netnografia. Não é o meu foco neste trabalho buscar definir os dois conceitos em razão do espaço e escopo do trabalho.

Por último, discorro brevemente sobre o conceito de *outsider within*, de Patricia Hill Collins, e como a presença de pessoas marginais na sociedade, quando ocupam a academia, causa uma revisão de conceitos já estabelecidos e, consequentemente, mudanças de paradigmas de o que é, como fazer pesquisa e como compartilhá-la. Para fundamentar essa escolha teórica, recorro a alguns exemplos históricos ocorridos internamente na antropologia, como o caso de movimentos sociais dos quais deslocaram a dicotomia real e virtual; a presença de pessoas não brancas como antropólogas; e a disputa sobre linhagens femininas da disciplina.

## 2. Conflitos geracionais internos da antropologia

Neste espaço eu pretendo falar de conflitos no sentido de gerarem movimentos no campo da antropologia e como esses movimentos acabam por mudar paradigmas do fazer antropológico. Aqui eu defino “fazer antropológico” como etnografia, escrita, observação e seletividade de quais coisas merecem mais atenção na observação. Além da escuta, da análise de documentos, e, a ocupação em espaços institucionais (OLIVEIRA; LABEL BARBOSA, 2019).

Para discorrer sobre geração, proponho aqui utilizar a argumentação feita por Karl Mannheim. Destaco que a minha intenção não é falar de juventudes ou grupo etários, mas sim de geração como um conjunto de pessoas (neste caso antropólogas) que compartilham de pensamentos similares dentro do campo. Claro, com discordâncias teóricas, mas unidas pelo momento histórico da sociedade e da cientificidade da disciplina (KUHN, 2011; FLECK, 1986). Em uma de suas considerações sobre gerações, Mannheim (1964), citado por Wivian Weller (2010, p. 208), diz:

*Indivíduos que crescem como contemporâneos experimentam nos anos de maior disposição à receptividade, mas também posteriormente, as mesmas influências condutoras tanto da cultura intelectual que os impressiona como da situação político-social. Eles constituem uma geração, uma contemporaneidade, porque essas influências são homogêneas. Justamente por essa mudança – de que a contemporaneidade não significa uma data cronológica no histórico da humanidade, mas uma similaridade de influências existentes [...] (p. 516).*

Quanto ao questionamento sobre quando algum paradigma antropológico é superado, eu continuo pensando sobre e buscando por referências, mas, sugiro que seja algo espontâneo e não linear. Ou seja, quando as pessoas se dão conta que determinada prática não condiz mais com o contexto social e histórico atual em que vivem. Durante minhas leituras, fiquei pensando na importância que teve o pós-estruturalismo na antropologia. Acredito que essa

foi uma ocasião - tanto na Europa quanto nos Estados Unidos - muito importante de crítica a autores consagrados e da estabilização e saturação das práticas às quais eles trabalharam ("eles" pois a grande maioria e os mais reconhecidos eram homens cis brancos).

No entanto, percebo que esses conflitos, que chamo aqui de geracionais, tem eventos marcantes no histórico da disciplina, sim, mas, eles acontecem o tempo todo. Isso pode explicar como esta disciplina científica está sempre mudando, com novas práticas surgindo continuamente. Para isso trago novamente as palavras de Mannheim (*Idem*), no mesmo artigo de Weller (*Idem*):

*No processo desse equilíbrio retroativo não são as gerações mais velhas e as mais jovens que se enfrentam, mas as que estão próximas às "gerações intermediárias". São estas que primeiramente exercem influência uma sobre a outra. (p. 540).*

É sabido entre nós, que fizemos parte das ciências humanas, o quanto elas lutaram para serem reconhecidas e legitimadas. Augusto Comte foi um marco exatamente por ter argumentado fortemente que as ciências "não exatas" tinham seu valor, seus métodos, que suas contribuições não eram tiradas ao acaso. Uma das formas das diferentes disciplinas da grande área serem reconhecidas foi se aproximar dos métodos das ciências não-humanas (KELLY, 2022).

Não estou totalizando os métodos e nem querendo dizer que eles tiveram investimento apenas por essa razão de aproximação. Mas essa aproximação trouxe algumas particularidades, como a aproximação da ciência política com o direito, da sociologia com a estatística. Apesar de em alguns casos a antropologia ter se aproximado com a matemática (*idem*) - como vemos nos gráficos de Lévi-Strauss, por exemplo, ao tratar de parentesco - a história de luta dessa disciplina teve um caminho particular por busca por reconhecimento, exatamente por, em seu caráter, ser anti disciplinar (INGOLD, 2014).

Ou seja, a grande maioria das mudanças ocorridas dentro da antropologia, foi para não cair nas armadilhas de tentar se emparelhar com outras disciplinas (de mais reconhecimento). Este, com certeza, me parece ser um diferencial. Pois enquanto muitas outras disciplinas em seus históricos superaram coisas de outras, a antropologia se supera muito por ela mesma, como uma implosão. A crise e o dito fim dos estudos de parentesco são um excelente exemplo, sendo referências os trabalhos de Cláudia Fonseca (2007) e Marilyn Strathern (1995). Outro motivo é a intrínseca autocrítica, determinante no trabalho, pois tal como pontua Joanna Overing,

*Para compreender as outras pessoas, os antropólogos são obrigados a refletir sobre os seus próprios pontos de vista, tanto quanto sobre aqueles deles divergentes. Nossa abordagem é, necessariamente, perspectiva, pois, no mínimo, nossas próprias maneiras oferecem-nos um meio valioso de entendimento comparativo. [...] Lemos nos textos que a atenção antropológica deve voltar-se para as grandes estruturas: nossa tarefa é descobrir a lógica subjacente ao funcionamento da mente, do parentesco ou mesmo da criação artística. Dada tal ênfase, as práticas e expressões da vida diária são vistas como contingentes e relativamente pouco importantes. Para agravar a situação, o intelectual acadêmico, urbano e ocidental tende a encarar os assuntos do dia a dia como entediante: são os pratos a lavar, as crianças a alimentar, as prateleiras que é preciso espanar. Nós desprezamos estas tarefas, que gostaríamos de ver cumpridas com a maior rapidez possível e, de preferência, por outros! (p. 84, 1999).*

Esse trecho acima de Overing fez muita diferença para mim. Além de ela haver mirando numa crítica ao funcional-estruturalismo e à antropologia feita com um discurso a favor de países imperialistas, também está criticando o fazer etnográfico masculinizado. Por isso lança mão do exemplo de trabalho doméstico e o quanto tarefas de ordem ordinária da vida revelam limitações em nossas perspectivas.

### 3. Não linearidade e antropólogas de gabinete

Durante a escrita deste texto pude perceber que a análise da qual está sendo feita teria grande risco de cair em uma lógica evolucionista do tipo: “ah, a antropologia foi se modernizando com as gerações mais novas e, conseqüentemente, ficando mais inclusiva, melhor, mais visionária”. Quero deixar evidente que eu não gostaria de reproduzir essa lógica, até porque a linearidade histórica é uma mentira. Além disso, gerações mais jovens não significam gerações mais críticas ou conscientes, como o próprio Mannheim, citado acima, advogou durante seus trabalhos.

As mudanças nas sociedades ocorrem muito pelo movimento que as gerações são capazes de fazer em relação às outras. Aqui eu falo das gerações dentro da antropologia assim como se eu falasse delas na sociedade em geral. Os paradigmas científicos podem ir e voltar pelas gerações, mas, embora pareçam os mesmos, são sempre diferentes porque o contexto histórico e social muda e o mundo nunca é o mesmo após cada segundo (KUHN, 2011, p.22).

Uma das primeiras coisas que pude aprender no curso de Ciências Sociais é que a antropologia passou a se diferenciar como disciplina quando seus etnógrafos passaram a ir a campo para fazer observações, praticar o estranhamento, etc. Antes disso, tínhamos os “antropólogos de gabinete”, que eram estudiosos de relatos e documentos arbitrários sobre as sociedades chamadas de primitivas. A antropologia feita em gabinete teve um consenso então, no início do século XX, de não poder mais ser considerada antropologia já que para ser ela precisaria ir a campo para coletar dados “reais” e encontrar contradições.

E, assim, a disciplina se manteve ao longo do século XX, claro, com adaptações às análises de documentos e à prática da observação. Mas, evidentemente, grandes mudanças aconteceram no fazer antropológico com a inserção das tecnologias digitais nas sociedades. Um texto que demonstra um grande marco disso é o Bem-vindos a Cyberia, de Arturo Escobar (2016b) no início dos anos 2000, em que ele se propõe a demonstrar que independente da localização global, não temos mais que considerar a “cultura” em si, mas também a cibercultura, pois ela é tão real quanto a primeira e sua influência já não era mais externa.

Essa aceitação da cultura como influente na cibercultura e vice-versa não foi imediata e nem fácil, muito pelo contrário. Tenho a impressão de que após os conflitos entre estruturalistas e pós-estruturalistas, essa mudança de paradigmas foi a mais recheada de conflitos. E isso certamente marcou trajetórias de pesquisadores e pesquisadoras e limitou o acesso dos mesmos e mesmas a cargos institucionais. Trago aqui a importância do acesso a cargos institucionais por isso, de certa forma, significar a validação entre pares científicos.

Mesmo após a inserção dos *Personal Computer* na sociedade desde os anos 90, a prática etnográfica feita em redes sociais não era vista como etnografia “de verdade”. A imensa maioria das pessoas na antropologia, quase intuitivamente, consideravam antes de tudo o ir a campo, presencialmente. Acredito ser importante citar Daniel Miller, que defende uma antropologia digital desde o início do século XX (MILLER; SLATER, 2004; MILLER, 2012).

Trago aqui como exemplo a trajetória do antropólogo Jean Segata. Quando estava construindo seu trabalho inserido em grupos de rede social e na cidade objeto de estudo (Lontras-SC), ele relatou ter ouvido várias vezes que o que estava fazendo não era antropologia, não era considerado científico e até mesmo foi estimulado a trocar de tema e métodos de pesquisa. É plausível pensarmos que se Segata não estivesse obtendo seu título na Universidade Federal de Santa Catarina sob orientação de Theophilos Rifiotis, um dos fundadores da Associação Brasileira de Cibercultura (ABCiber), talvez não tivesse incentivo suficiente para prosseguir com seu trabalho, que resultou na dissertação de nome Lontras e a construção de laços no Orkut (SEGATA, 2007).

Com o apoio de seu orientador e de estudos precedentes sobre cibercultura e etnografia digital, Segata pôde desenvolver vários trabalhos que contribuíram para a antropologia junto das temáticas epidemia, tecnologia e saúde. Muitos de seus trabalhos ganharam uma maior visibilidade durante a pandemia de Covid-19, exatamente pelo fato de ele trabalhar com etnografia *online* e destacar as implicações dela desde o início dos anos 2000, assim como Daniel Miller. Dentre uma das implicações da etnografia *online* demonstrada por Segata é de que as trocas relacionais no ciberespaço são tão reais quanto fora dele, e isso fez um sentido ainda maior quando antropólogas e antropólogos tinham como único método viável a etnografia nas redes sociais, por exemplo (2020b).

No site oficial, a ABCiber data sua criação no início dos anos 2000, mas, ainda nos anos 1990 ela já era trazida como uma necessidade por antropólogas e antropólogos brasileiros. Essa urgência não significa necessariamente que as pesquisas realizadas de forma *online* recebiam uma grande relevância, tanto é que podemos perceber uma maior busca por trabalhos que se relacionam com o tema durante a pandemia e a busca por saber mais sobre pesquisa *online*<sup>2</sup>.

A pandemia de Covid-19 abalou as estruturas antes duvidosas da etnografia *online*. Por conta dessa emergência sanitária, desde março de 2020 boa parte das pessoas tiveram que adaptar suas formas de fazer pesquisa e às pressas. Antropólogas e antropólogos preferiram passar a enxergar a etnografia *online* como legítima de uma vez por todas do que interromper seus trabalhos por impossibilidade de ir presencialmente a campo.

Piadas internas aconteciam nas *lives* sobre etnografia digital feitas por pesquisadores e pesquisadoras que já trabalhavam com ela antes, do tipo “agora vocês vão ter que precisar de nós, nos ouvir e experimentar nossos métodos”<sup>3</sup>. Durante todo o restante do ano de 2020 e o ano de 2021, as redes sociais, os periódicos científicos e os eventos acadêmicos não pararam de pipocar com instruções sobre etnografia *online*, observação participante na internet, boas práticas *online*, de como fazer uma boa etnografia e ao que não desconsiderar no caminho dela<sup>4</sup>.

Voltando aos antropólogos de gabinete do final do século XIX, me surpreendi ao descobrir o perfil de uma doutoranda em Antropologia que em sua biografia do Instagram autodenominou-se “antropóloga de gabinete”. A autodefinição, intuí depois de pesquisar sobre a pesquisadora, provavelmente se deu pelo fato de ela trabalhar durante sua formação com etnografia *online* e *UX research*<sup>5</sup>. Infiro que a autodenominação de antropóloga de gabinete é parte de uma reação contra a deslegitimação do trabalho antropológico *online*.

Essas situações podem demonstrar conflitos geracionais interessantes na antropologia quando comparados os contextos da expressão “antropóloga/o de gabinete” no início do século XX e na segunda dezena do século XXI. Acredito que a autodefinição da pesquisadora que citei teve uma pitada humorística. Porém, curiosa das motivações, ainda não tive a oportunidade de perguntar o que outras antropólogas e antropólogos acham sobre isso. Seja essa conversa em um espaço face a face, compartilhando um cafezinho, ou em grupos e conversas privadas intermediadas por *emojis* e *stickers*.

#### 4. O fazer antropológico em praça pública num fio de discussão no Twitter

A pandemia de Covid-19 fez com que antropólogas trabalhassem na disciplina de forma simultânea à realidade. Viver a pandemia, existir no mundo, pesquisar e divulgar resultados se tornaram coisas simultâneas para todas e todos. De acordo com levantamentos sobre produções científicas, os estudos das ciências humanas nos primeiros meses de pandemia revelaram uma moda estatística: a problemática do biopoder e governantes, e, a problemática da escala (RUI ET AL; 2021; GROSSI; TONIOL, 2020). Chamo a atenção para esse segundo, pois de acordo com Jean Segata (2020), a globalidade existe por conta de parâmetros locais.

Considerações como esta, se formos parar para pensar, vez ou outra voltam para o paradigma na antropologia: a análise que vale para um lugar funciona para outro? Destacamos aqui que a pandemia de Covid-19 é um momento muito peculiar perto de todas as tendências antropológicas anteriores. Porém, resalto novamente que o interesse da antropologia pela etnografia digital não é novo. Mais acima eu falei sobre a presença maior dos *Personal Computer* na vida das pessoas, mais expressivamente nos anos 90. Durante o final do século XX não houve falta de pessoas para pesquisar sobre a cibercultura. Acima eu também citei Theophilos Rifiotis como uma das referências no campo por ser um dos fundadores da ABCiber (2016; 2016).

Neste texto eu trago a pandemia de Covid-19 como um fenômeno marcante. Mas, agora falando não apenas do Brasil, os movimentos sociais nas redes sociais foram um grande marco para a dicotomia mundo real versus mundo *online* cair por terra e pesquisadoras prestarem mais atenção nesses espaços como não separados. Podemos pensar aqui em diversas movimentações políticas, mas trago três que receberam grande atenção nos estudos sobre cibercultura e que foram acontecimentos-chave para a etnografia digital.

<sup>2</sup> Acredito que posso demonstrar como exemplo a atitude da Universidade Federal de Pernambuco ao oferecer o minicurso “As Implicações da Etnografia Online” em 2020. Disponível em [https://www.ufpe.br/depan-tropologia/informes/-/asset\\_publisher/fqahh-qB4lLnK/content/as-implicacoes-da-etnografia-online/39431](https://www.ufpe.br/depan-tropologia/informes/-/asset_publisher/fqahh-qB4lLnK/content/as-implicacoes-da-etnografia-online/39431). Último acesso em 05/04/2022.

<sup>3</sup> Dou como exemplo as *lives* do curso sobre escrita acadêmica, promovido por Rosana Pinheiro-Machado em seu canal do Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLB-VAwdZA2B-FjZxjGJubPM8Mj9BXU-6vg>. Último acesso em 18/03/2022.

<sup>4</sup> Uma boa síntese de muitas dicas podem ser vistas no vídeo “Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social”, de Daniel Miller em seu canal do Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so>. Último acesso em 18/03/2022.

<sup>5</sup> De acordo com a Interaction Design Foundation (IxDF), “UX (user experience) research is the systematic study of target users and their requirements, to add realistic contexts and insights to design processes. UX researchers adopt various methods to uncover problems and design opportunities.” Disponível em [https://www.interaction-design.org/literature/topics/ux-research#:~:text=UX%20\(user%20experience\)%20research%20is,uncover%20problems%20and%20design%20opportunities](https://www.interaction-design.org/literature/topics/ux-research#:~:text=UX%20(user%20experience)%20research%20is,uncover%20problems%20and%20design%20opportunities). Último acesso em 20/03/2022.

Uma foi o movimento de ocupação em *Wall Street*, Estados Unidos, em que as pessoas demonstraram um sufocamento pelo capitalismo selvagem e o mito do “sonho americano”. O movimento teve como inspiração a Primavera Árabe e aconteceu no centro econômico de Nova Iorque em 2011. As pessoas, que estavam dentro da ocupação e as apoiadoras, fizeram o movimento ganhar notoriedade internacional ao borbulhar a internet com a hashtag *#OccupyWallStreet* e *#WeAreThe99%*. A antropologia não tinha como ignorar a necessidade de fazer trabalho de campo nas redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook* na época.

Outra movimentação política foram as manifestações em junho de 2013, chamadas depois de Jornadas de Junho, em que as pessoas ocuparam as principais ruas das capitais do Brasil contra o aumento no valor das passagens de ônibus. A hashtag *#NãoSãoSó20Centavos* novamente movimentou as redes sociais gerando problematizações além da pauta central do movimento, fazendo insurgir tanto movimentos como o Passe Livre quanto movimentos reacionários, como o Movimento Brasil Livre. Aqui, de novo, a presença de manifestantes nas redes sociais não dava para ser vista como desconexas do movimento, gerando na antropologia uma discussão maior sobre ativismo nas redes.

Outro acontecimento foi as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 e do Brasil em 2018. Como um trauma em nossa história, essas eleições fugiram do que era considerado um processo normal, já que tivemos um enorme disparo de notícias falsas nas redes sociais *Facebook* e *Whatsapp* que acabaram por determinar o resultado delas e por terem tido o poder de desnudar discursos de ódio e pós-verdade. Um bom exemplo é a pesquisa realizada por Leticia Cesarino (2020) em grupos direitistas no *Whatsapp*. Esses acontecimentos tiveram grande influência na maior realização de etnografias *online*, principalmente as feitas apenas em redes sociais. Ou seja, não como um complemento à observação presencial.

Os movimentos sociais tiveram grande importância para as etnografias digitais. No entanto, as pessoas que ainda não trabalhavam com elas conseguiam pesquisar não considerando as redes sociais, sem correlacionar as dicotomias real e virtual, pois esse não era o foco. É nesse sentido que argumento sobre a pandemia de Covid-19 como uma virada no campo e nas relações internas entre pessoas antropólogas. Aqui nós podemos considerar que o dualismo entre mundo real e mundo virtual caiu por terra, até porque a vida de muitas pessoas parece ser mais movimentada em redes sociais.

Algo importante a se considerar quanto a isso é que muitas pessoas que estavam ativamente produzindo antropologia durante a pandemia também tiveram uma grande influência pública, pois antropólogos e antropólogas não são seres à parte da sociedade. Eles e elas estavam (e estão) em redes sociais, participando de movimentos, compartilhando suas vidas cotidianas, pesquisando e divulgando suas pesquisas. Isso, sem dúvidas, acaba resultando em um número maior de intelectuais públicos e, conseqüentemente, nas redes sociais como campos de desenvolvimento de capital.

O que há anos atrás poderia ser considerado desimportante, como o número de curtidas/*likes* e quantidade de seguidores, agora é indubitavelmente presente. Sobre isso, eu não restrinjo à antropologia, mas é lógico pensarmos que quanto mais visto um intelectual público é, mais visibilidade ele ou ela passa, pois menos questionada é sua credibilidade e maior acaba sendo o alcance de suas pesquisas. Uma das razões disso está relacionada ao fato de quanto mais as ciências alcançarem espaços de maior divulgação, a comunicação em prol da dúvida é suprimida pela do convencimento (FLECK, 1986).

Acredito ser pertinente falarmos também sobre a ocupação de cargos institucionais que, como eu disse anteriormente, é uma forma de aceitação entre pares. Com isso, é evidente a tentativa de maior visibilidade de grupos de pesquisas e institutos ligados a antropólogas com visibilidade nas redes. A dramaticidade que sentimos de ler as conversas relatadas que aconteciam nas reuniões de departamento das maiores universidades, os comentários sem filtros feitos entre colegas, a colaboração na busca por materiais disciplinares e interdisciplinares, e, os conflitos entre pesquisadores/as e pesquisados/as em redes sociais é como se fossem ocorridos aos olhos de todas e todos. Em praça pública num fio de discussão no *Twitter*. Ou seja, não temos como negar que a presença de pessoas antropólogas nesses espaços acaba sendo determinante para o fazer antropológico, já que a dúvida e o convencimento têm de encontrar um equilíbrio mais instantâneo.

No início deste texto eu citei uma entrevista de Tim Ingold (2014) e retomo ela agora. A entrevista foi concedida em 2013 e acredito que pode nos ajudar a enxergar que o fazer antropológico por escalas tende a ser cada vez mais aceito, independente de correntes estruturalistas ou não e das fronteiras disciplinares. Vamos lembrar também que essa foi uma preocupação apresentada pelas correntes culturalista e pós estruturalista, a necessidade da análise por escala. Aqui vemos uma aproximação do período pós estrutural e pandêmico na antropologia. Trago abaixo uma rica contribuição de Ingold quando foi perguntado sobre indivíduos e grupos, e, ele respondeu, para a surpresa da minha releitura, falando de gerações:

*Temos que deixar de pensar em indivíduos e grupos e começar a pensar em posicionalidade, em lugares ou pontos em um campo de relações. Isso é que me satisfaz na Teoria dos Sistemas de Desenvolvimento, que permite pensar nesses termos. Por exemplo, normalmente se pensa nas habilidades como sendo transmitidas de uma geração a outra. Para mim, nada se transmite. As habilidades crescem novamente, são recriadas com cada geração. O que uma geração transmite à seguinte são os contextos de aprendizagem nos quais os novatos podem redescobrir por si mesmos o que seus predecessores já conheciam. Vamos a um exemplo: suponhamos que haja um granjeiro que tem uma granja e que muitas gerações depois seus descendentes seguem cultivando essa granja. As pessoas que se situam dentro da Teoria da Construção de Nicho diriam que esse é um exemplo de herança ecológica, já que o primeiro granjeiro criou um nicho e o transmitiu aos seus descendentes. Mas a realidade é que essa terra mudou. Num sentido legal se pode dizer que o descendente herdou a terra, mas num sentido prático o descendente trabalha essa terra e a mantém produtiva graças ao seu trabalho. Assim, seguramente usou técnicas totalmente diferentes das que usava seu avô. E descobriu as coisas que seu avô já conhecia, mas ao mesmo tempo descobriu coisas novas. O trabalho de uma geração armou as condições do trabalho da geração seguinte. E isso não é outra coisa que a história. (2014).*

## **5. Outsider Within, saberes localizados e a desistência de utilizar marca-texto nos clássicos**

Uma coisa é fato e não é algo próprio da disciplina: a presença de antropólogos e antropólogas feministas e/ou não-europeus e não-estadunidenses é uma mudança radical nas pesquisas científicas. Aqui eu poderia citar várias mudanças feitas por esses grupos de profissionais, que antes eram tratados apenas como objeto de estudo ao invés de sujeitos. Mas, uma delas, que cito aqui, é exatamente o que Overing (1999) chama atenção de olhar o que é considerado ordinário, como as tarefas do dia a dia e as interações sem propósito. Voltando ao início, essas coisas dadas como invisíveis me parece ser o que Foucault (1999) dá a entender sobre o que precisa ser olhado, mas acaba sendo deixado em segundo plano.

Uma forma de entender isso nas implicações do fazer antropológico pode ser pensado a partir das contribuições de Donna Haraway (1995) sobre saberes localizados. É fato que diferentes socializações implicam diferentes formas de imaginário, de ver o mundo, e, consequentemente, de existir enquanto pesquisador/a. A necessidade de situar os saberes e afirmar uma posicionalidade, conforme defende a autora, é um caminho para uma ciência mais objetiva e confiável. Porém, não se trata apenas de explicitar identidades do ou da pesquisadora, mas sim esforçar-se para romper com as ingenuidades e ser capaz de prestar contas sobre seu trabalho e referências.

Conforme foi se dando a entrada de grupos antes majoritariamente excluídos na academia, mais particularmente na produção de conhecimentos nas ciências sociais, coisas das quais já estavam estabelecidas ou em um ponto de saturação começaram a soar contraditórias ou até sem sentido. Essas coisas que quero sugerir são concepções, pensamentos, conceitos, observações próprias das ciências sociais feitas por pequenos grupos de pessoas, por muitos anos. Para tentar ser mais sucinta, eu gostaria de citar os exemplos de Patricia Hill Collins e Archie Mafeje.

Acredito que tanto Collins quanto Mafeje se adequam à ideia de *outsider within*, teorizado por essa primeira. Em seu texto *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro* (1986), Collins traz à tona esse termo a partir de contribuições do feminismo negro estadunidense para explicar o fenômeno de uma pessoa excluída socialmente de um determinado grupo estar inserida no interior de um núcleo dele.

Ela dá o exemplo inicial das trabalhadoras domésticas negras de casas norte-americanas e formas como elas acabam sendo valorizadas como (quase) da família. Posteriormente a isso, Collins discorre sobre a inserção de mulheres negras e outros grupos de pessoas à margem da sociedade no fazer acadêmico da sociologia (espaço historicamente restrito a homens cis brancos e do norte global). Pois há uma potencialidade em como isso pode ser determinante para a evolução científica da disciplina, já que quem está como *outsider within* tem a potencialidade de estranhar coisas já naturalizadas. Ela cita como exemplo a revisão da categoria conceitual “trabalho”, que com a maior presença de pessoas negras e mulheres na sociologia passa a ser revisada para além do conceito estabilizado de trabalho europeu remunerado pós-industrial (p. 121).

Quanto a Mafeje, antropólogo sul-africano que também ocupou o espaço acadêmico das ciências sociais na segunda metade do século XX, suas contribuições foram tal como um “sacode” para a antropologia. Como um *outsider within*, em um de seus textos ele criticou a forma como cientistas sociais europeus e estadunidenses viam de forma quase inquestionável qualquer comunidade africana como tribo, e os problemas implicados nessa categorização conceitual (1971).

Eu poderia aqui também citar o movimento de estudos subalternos (anos 1970, a partir da Índia) como um também exemplo de reviravolta epistemológica. A presença de *outsiders within* sem dúvidas é muito importante para a mutabilidade das ciências e para novas práticas do fazer pesquisa. Essa discussão ainda não ficou para trás desde Collins, a sensação de estar cometendo uma traição ou não estar “pesquisando corretamente” continua aparecendo durante a construção da pesquisa de pessoas que até pouco tempo atrás eram apenas objeto de pesquisa. O processo de escrita aparece como tendo muita influência sobre isso.

Não tratando exatamente sobre *outsiders within*, mas sobre a escrita feita por mulheres na antropologia, Mariza Corrêa (1997) nos ajuda a ver isso ao documentar os conflitos imbricados no “escrever diferente” ao falar das críticas recebidas por antropólogas e esposas de antropólogos ao compartilharem seus trabalhos. Dentre algumas situações históricas citadas pela autora, uma foi o antigo entendimento de textos antropológicos produzidos por mulheres que eram esposas de antropólogos consagrados como menos etnográficos e mais literários. Um exemplo foi a recepção pública dos textos de Dina Dreyfus, que estava presente durante os trabalhos de campo do marido, Claude Lévi-Strauss.

Por outro lado, Corrêa também compartilha o depoimento de Hortense Powdermaker, que foi aluna de Bronislaw Malinowski em um seminário de antropologia. Quando ela foi estimulada por ele para avançar na academia e escolher uma área para seu doutoramento, recebeu uma expressão facial de desaprovação ao responder que estudava “*just for fun*” em trabalhos de campo etnográficos, leitura e escrita. O que a fez refletir e optar por prosseguir na carreira antropológica institucional (p. 79).

Recorri a estas retomadas das propostas de algumas gerações ocidentais da antropologia como tentativa de demonstrar como pessoas e correntes teóricas tanto se opõem como se alinham. A aceitação de novas práticas, novas escritas e novos sujeitos é atravessada por conflitos dentro e fora da antropologia. A presença de antropólogas e antropólogos nas redes sociais fazendo e compartilhando pesquisas também se inclui nisso, pois muitas práticas são novas para o campo. Se no momento pós-estruturalista não havia uma preocupação com a pluralidade de discursos, hoje, com certeza, é muito difícil imaginarmos uma antropologia confiável em sua posicionalidade sem isso.

## 6.Considerações finais

Neste espaço eu tentei demonstrar como as mudanças de paradigmas no fazer científico da antropologia são atravessadas pelo contexto histórico e conflitos geracionais internos. Sugeri uma comparação entre o momento pós estruturalista e o momento pandêmico. Demonstrei que os estudos sobre cibercultura não são novos na disciplina, mas ganharam mais notoriedade e credibilidade com os movimentos sociais nas redes e a pandemia de Covid-19. Apresentei a pandemia como um fenômeno marcante para a disciplina por forçar uma mudança no fazer etnográfico feito às pressas com uma aceitação maior da etnografia *online*, e, a maior presença de antropólogas e antropólogos como intelectuais públicos.

Por último, discorri brevemente sobre o conceito de *outsider within*, de Patricia Hill Collins, e

como a presença de pessoas marginais na sociedade, quando ocupam a academia, causam uma revisão de conceitos já estabelecidos. E, consequentemente, em mudanças de paradigmas de o que é e como fazer pesquisa e como compartilhá-la. Visto que ainda estamos vivendo a pandemia, talvez ainda seja cedo para pensarmos se as pessoas vão querer continuar a realizar netnografias após passar as restrições sanitárias por distanciamento. As mudanças por aceitação dessas práticas aconteceram, sim, mas ainda não sabemos se elas vieram para ficar. Se, tendo bibliotecas, preferirão o campo de busca do *Google* ou se considerarão uma viagem longa a uma videochamada. Minha sugestão é que a partir de então as práticas tendem a ser combinadas, como já parecem estar sendo.

Durante o texto, argumentei em prol de que a etnografia *online* alcançou uma legitimidade científica na antropologia, mas tenho consciência de que totalizar essa afirmação para a disciplina como campo geral não tem fundamento. Acredito que essa forma de fazer etnografia ainda tem resistências, tal como demonstrei ao citar Souza e Vieira (2021), na introdução. No entanto, é visível que com a pandemia a etnografia *online* ou netnografia “fez a sua cama”. Não ousou dizer que essa discussão já está superada, mas, assim como as discussões pós-estruturalistas, ela ainda rende e vai render boas análises.

## 7. Notas

\*Graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: isabeletifani@gmail.com.

## 8. Referências

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura (ABCiber). Site oficial. Disponível em <https://abciber.org.br/site/>. Último acesso em 29/03/2021.

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil**. Internet & Sociedade, 1(1): 91-120, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, 31(1), 2016 (1986).

DE CASTRO, Isis Gabriella. **“Occupy Wall Street: entenda o que foi o movimento!”**. Politize!. Publicado em 22/03/2021. Disponível em <https://www.politize.com.br/occupy-wall-street/>. Último acesso em 29/03/2021.

EDITORIAL. **“Não são só 20 centavos”, dizem manifestantes na avenida Paulista**. Folha de S. Paulo. Publicado em 19/06/2013. Disponível em <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297985-nao-sao-so-20-centavos-dizem-manifestantes-na-avenida-paulista.shtml>. Último acesso em 29/03/2021.

ESCOBAR, Arturo. 2016b. **Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura**. In: *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Jean Segata; Theophilos Rifiotis (org.), 21-66. Brasília: ABA Publicações.

FLECK Ludwik. **La génesis y el desarrollo de un hecho científico**. Madrid: Alianza Editorial; 1986.

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 9-35, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Las meninas**. In: FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999(1966).

GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, 5, 2009 (1988).

INGOLD, Tim. **A Antropologia em crise**. Instituto Humanitas, Unisinos, 2014 (2013).

KELLY, José Antonio. *Reflections on mathematical figures and engineering approaches in anthropology*. **Vibrant**, v. 19, n. Vibrant, Virtual Braz. Anthr., p. e19600, 2022.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MAFEJE, Archie. **A ideologia do tribalismo**. Pontos de Interrogação, 10(2), 2020 (1971).

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARS, Amanda. **“Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?”**. El País. Publicado em 25/02/2018. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655\\_450950.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html). Último acesso em 29/03/2022.

MILLER, Daniel. **The digital and the human: a prospectus for digital anthropology**. In: HORS, Heather A.; MILLER, Daniel (Ed.). Digital Anthropology. Berg: London, 2012.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2004, ano 10, n.21, p. 41-65, janeiro./junho.

OLIVEIRA, Amurabi; LABEL BARBOSA, Inaê. Aprender e ensinar a fazer uma antropologia dos arquivos. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 405-415, 2019.

OVERING, Joanna. **Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica**. Mana, 5(1), 1999.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos [online]. 2014, v. 20, n. 42. p. 377-391. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Último acesso em 05/04/2022.

RIFIOTIS, Theophilos. **Desafios Contemporâneos para a Antropologia no Ciberespaço: o lugar da técnica**. In: Segata, Jean; Rifiotis, Theophilos. (Orgs.). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, p. 115-128, 2016.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p. 85-99, fevereiro/2016.

RUI, Taniele et al. **Antropologia e pandemia: escalas e conceitos**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 27, n. 59, p. 27-47, Apr. 2021.

SEGATA, Jean. 2020b. **A pandemia e o digital**. Revista Todavia 7: 7-15.

SEGATA, Jean. **Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia**. GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.). *Cientistas sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. Disponível em [http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim\\_CS/livro\\_corona/Ebook\\_Cientistas\\_Sociais\\_Coronav%3%ADrus\\_alta.pdf](http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/livro_corona/Ebook_Cientistas_Sociais_Coronav%3%ADrus_alta.pdf). (p. 44-46). Último acesso em 05/04/2022.

SEGATA, Jean. **Lontras e a construção de laços no Orkut**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Ilha de Santa Catarina. 2007.

SOUZA, Gustavo dos Santos; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **Pesquisar em tempos de pandemia: reflexões iniciais de jovens pesquisadores**. Revista Espaço Crítico - NUSEC – IFG Aparecida de Goiânia – Ano 2 - Vol. 2 – N. 2 – julho de 2021. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/rec/article/view/1016/715>. Último acesso em 05/04/2022.

STRATHERN, Marilyn. Necessidades de Pais, Necessidades de Mães. **Estudos Feministas**, vol. 3, n. 2, p. 303-329, 1995.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. Revista Sociedade e Estado - Volume 25, Número 2, Maio/Agosto 2010.